A PONTUAÇÃO EM RELATOS DE UMA CRIANÇA

Karla Daiane Martins (PIBIC/Fundação Araucária/UEPG), Pascoalina B. O. Saleh (Orientador), kdaianemartins@hotmail.com; pbosaleh@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem.

Área: Linguística, Letras e Artes; sub-área: Linguística

Palavras-chave: Pontuação enunciativa, parênteses, aquisição da escrita.

Resumo

Apesar de serem erroneamente descritos como marcas de aspectos prosódicos da fala, os sinais de pontuação são responsáveis por demarcar um ritmo que é próprio da escrita. Tendo isso em vista e com base nos estudos de algumas pesquisadoras sobre o tema, procuramos observar o uso dos sinais enunciativos em textos do gênero relato, produzidos em ambiente doméstico por uma criança em fase de aquisição da escrita. As análises focam no uso dos parênteses, que são importantes marcadores do retorno da criança sobre o próprio dizer, mas também percebem que as observações que são feitas ao final do texto, apesar de não serem sinais de pontuação, também refletem este mesmo retorno, sendo ambos os fenômenos até confundidos pela garota. A pesquisa mostra que desde muito cedo, mesmo em fase de alfabetização, já é possível notar uma certa preocupação da criança escrevente com seu interlocutor.

Introdução

A pontuação é fundamental para a compreensão do ritmo da escrita, uma vez que esta possui um ritmo próprio que é demarcado por esses sinais (CHACON, 1998). Tendo isso em vista, passamos a entendê-los como uma característica exclusiva da escrita, e não mais como representações dos aspectos prosódicos da fala.

Diante disso, Dahlet (2002; 2007) compreende tais sinais como componentes de um sistema e os classifica de acordo com suas funções: a primeira classe é composta pelos sinais de sequencialização, cuja função é segmentar o contínuo da escrita, delimitando os sintagmas e hierarquizando-os de acordo com a natureza de suas relações; a segunda classe é composta pelos sinais enunciativos, que são divididos em: a) marcas do discurso citado; b) marcadores expressivos; c) hierarquizadores discursivos; e d) marcadores de modalidade enunciativa (DAHLET, 2002). Os sinais da segunda classe não possuem as mesmas funções quando ocorrem em cotexto monologal ou dialogal, pois o primeiro é “assumido formalmente por um só locutor, ao passo que o cotexto dialogal dá lugar ao interdiscurso, fazendo coexistir formalmente duas falas” (DAHLET, 2007).

Saleh (2016) cita o trabalho de Silva (2010), onde o autor faz uma investigação sobre a pontuação em textos de determinados gêneros textuais, produzidos por crianças de 4ª série (atual 5º ano), e nota que a pontuação está relacionada com as características dos gêneros. A autora afirma que estes dados revelam uma sensibilidade da criança com relação às restrições do gênero e que tal estudo enfatiza a função de segmentação dos sinais, mas que, segundo Dahlet (2006),

estes também exercem um importante papel enunciativo, uma vez que os mesmos sinais podem ter funções diferentes dependendo da maneira como são usados.

Diante dessas afirmações, e dando continuidade aos trabalhos de Saleh (2016; 2017, nos propomos a analisar os sinais de pontuação em textos produzidos por uma criança em fase de alfabetização, a fim de investigar o uso dos sinais enunciativos durante o processo de aquisição da escrita, identificar os efeitos de sentido produzidos por esses sinais e, também, observar como estes usos estão relacionados à constituição de autoria da criança.

Revisão de Literatura

Os textos analisados, escritos por Luísa, uma menina de classe média, cujos pais possuem um elevado nível de letramento, são do gênero relato e foram produzidos sem alguma relação direta com tarefas escolares. Tais dados fazem parte de um conjunto maior de textos que foram disponibilizados pela mãe da menina e são estudados pela professora Claudia M. Campos, da UFPR (CAMPOS, 2005), e também pela professora Pascoalina B. O. Saleh, da UEPG (SALEH, 2016, 2017).

Durante o estudo da primeira seleção dos relatos, a qual não teve critério específico de escolha, o uso dos parênteses nos chamou a atenção de uma maneira particular. Portanto, uma nova triagem foi realizada e, desta vez, selecionamos os relatos em que estes sinais estão mais evidentes, possibilitando, assim, uma análise mais específica, já que eles não são usados em todos os textos da menina. Todos esses textos são do ano de 1998, quando Luísa estava na 3ª série do primeiro grau (atual 4º ano do Ensino Fundamental).

Para a realização das análises, além dos estudos de Saleh (2016, 2017) e os demais citados, foi utilizado também o trabalho de Fiad e Barros (2003), no qual estas analisam a relação entre o parênteses e a reescrita, levando em conta que esta é “uma atividade metaenunciativa que constitui um retorno sobre o dizer, sendo, portanto, esperado que o parêntese seja usado para marcar essa interposição do sujeito” (FIAD; BARROS, 2003, p. 10).

Nesse trabalho, as autoras percebem que há marcas enunciativas desde o início do processo de escrita, pois, mesmo antes de dominarem completamente o sistema, “as crianças apagam, inserem, substituem letras, palavras, expressões, frases, deixando marcas de sua trajetória individual” (FIAD; BARROS, 2003, p. 11). Este processo de intervenção do sujeito é muitas vezes demarcado pelos parênteses e foi o que nos chamou mais atenção nos relatos escritos por Luísa, como veremos na análise a seguir.

Resultados e Discussão

O primeiro uso de parênteses encontrado no conjunto de textos selecionados é do dia 19 de janeiro, como podemos ver no relato (1). Nesta ocorrência, Luísa insere uma informação que considera relevante, situando seu interlocutor ao dizer onde seu pai estava antes de voltar para Curitiba. Usos parecidos ocorrem nos dias 3 e 8 de junho, como podemos ver em (2) e (3), respectivamente:

(1) *Papai voltou para Curitiba (da chacara) e eu a mamãe e a Deise ficamos*

(2) *Hoje eu faltei na aula de teatro (de manhã) e voltei 5 minutos antes em casa, às 5 para às 9:00.*

PS: Eu fui para a casa do papai depois da aula e voltei mais cedo porque mamãe saiu mais cedo da aula de francês.

(3) *Almocei na casa da minha colegamelhoramiga Laura. Fui na aula de inglês 10:30 (entrou um menino novo) fui na aula (à tarde) e jantei e fiquei na casa da S. C. M. A. Laura até às 9:00*

Nas ocorrências "(de manhã)", em (2), e "(de tarde)", em (3), a criança insere, novamente, uma informação que acredita ser importante para o interlocutor, situando-o ao informar o período em que ocorreu a aula de teatro na qual ela faltou e o período em que ela foi para a escola, digamos, regular – dando maior precisão às informações.

Ainda sobre o relato (3), na ocorrência "(entrou um menino novo)", a menina considera relevante relatar a presença de um aluno novo na turma de inglês, mas insere a informação entre parênteses provavelmente para não atrapalhar o fluxo do texto principal, em que ela descreve o que fez durante o dia.

A preocupação com a precisão das informações que destacamos nos relatos (2) e (3) também pode ser notada em (4), e (5) que correspondem aos dias 31 de maio e 6 de junho, respectivamente.

(4) *Foi a 1ª vez que fui passar o dia com o papai. Eram 11:00 quando fui e 7:30 quando voltei ele levou eu e a Cláudia, (amiga) no Estação, a Claudia*

(5) *O meu professor Claudio e a Laura (filha), vieram almoçar na casa da mamãe e eu me diverti muito.*

PS. O meu pai tinha compromisso p/ o almoço e n/ pude ir lá.

Tanto em "(amiga)" no relato (4), quanto em "(filha)" no relato (5), Luísa, novamente, procura situar seu interlocutor, explicando a natureza das relações entre ela e as pessoas sobre quem ela está falando, procurando identificá-las, esclarecendo quem são.

De todas as ocorrências de parênteses, a mais discrepante é a do relato (3) na qual Luísa insere a informação "entrou um menino novo". Nesta, diferente dos casos em que ela estava apenas contextualizando seu interlocutor quanto aos horários das atividades relatadas e às relações entre as pessoas sobre as quais ela estava falando, a menina insere uma informação que não havia sido citada antes e que não tem relação direta com o restante do relato. No texto, ela dá apenas informações que dizem respeito aos seus afazeres do dia, e, rompendo o fluxo, ela insere entre parênteses esta informação que, ao mesmo tempo em que não faz parte da descrição das atividades realizadas durante o dia, é uma novidade que chamou sua atenção, merecendo ser destacada em seu diário.

Além do uso dos parênteses, este retorno sobre a própria escrita é demarcado, também, nas observações feitas pela menina ao final do texto. Apesar de não ser (mas conter) um sinal de pontuação, os "OBS" e "PS" que a menina escreve em seus textos possuem um papel muito similar do assumido pelos parênteses, como notamos nos exemplos (2) e (5), em que Luísa insere informações que, apesar de não se encaixarem no corpo do texto, são colocadas em destaque por possuírem alguma relevância. As observações estão presentes em outros textos também, como mostramos no exemplo (6):

(6) *Hoje de manhã eu vi TV e fiquei vendo os "101 dálmatas, o filme". Também brinquei de fadinha e fazia mágicas com o livro do "Shakespeare"*

→ *OBS: Não sei se é assim que se escreve! E a noite desenhei.*

Aqui, a menina faz um uso inusitado da observação, pois esta costuma ser inserida ao final de um texto, mas Luísa a insere no meio. Este uso seria

normalmente atribuído aos parênteses, mas formulamos a hipótese de que ela estava iniciando as inserções deste recurso em seus textos, pois esta foi a primeira vez que ela a utilizou em seus relatos, dia 9 de março, sendo que os outros usos que foram descritos acima correspondem todos ao mês de junho.

Outros sinais de pontuação enunciativa também foram notados nesses e em outros relatos, como as aspas e o ponto de exclamação, mas, como já dito anteriormente, nos atentamos aos parênteses por apresentarem um certo de padrão que reflete a relação da menina com a escrita em sua fase de aquisição.

Conclusões

A análise demonstra que a menina, ainda na terceira série do ensino fundamental, possui uma determinada preocupação com seu próprio dizer. O retorno da criança sobre o texto escrito revela que já no processo de aquisição da escrita existem marcas enunciativas no texto, ou seja, há um distanciamento do escrevente para analisar sua própria produção com os olhos de quem lê e, logo em seguida, um retorno para inserir aquilo que seria necessário para a compreensão do interlocutor. Este processo de distanciamento e retorno pode ser observado a partir do uso dos sinais de pontuação enunciativos, os quais, entre outros, incluem os parênteses. Além disso, apesar de não termos separado os relatos com base na data de produção de cada um, notamos que a relação da criança com a escrita vai sendo pouco a pouco aprimorada ao longo dos meses, o que fica mais nítido com o uso das observações, o que, apesar de não se caracterizar como um sinal de pontuação, faz parte do processo de enunciação.

Agradecimentos

Agradeço a Fundação Araucária, pela bolsa de estudos, e a professora Pascoalina Saleh, pelo tempo e dedicação.

Referências

CAMPOS, C. M. *Efeitos argumentativos na escrita infantil ou a ilusão da argumentação.* 2005. 210f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

CHACON, L. *Ritmo da escrita*: uma organização do heterogêneo da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DAHLET, V. *A pontuação e sua metalinguagem gramatical***.** Revista de Estudos da Linguagem**,** Belo Horizonte, v.10, n.1, p. 29-41, jan./jun. 2002.

DAHLET, V. *A pontuação e as culturas da escrita***.** Filologia Linguística Portuguesa**,** São Paulo n.8, p. 287-314, 2007.

FIAD, R. S.; BARROS, J. O papel da intercalação na reescrita*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. v. 3, n. 1, p. 9-23, 2003.

SALEH, P. B. O. A pontuação enunciativa e as instâncias narrativas em textos infantis de diferentes gêneros. *Filologia Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 357-389, ago./dez. 2016.

SALEH, P. B. O. A pontuação enunciativa e a configuração das instâncias narrativas em notícias infantis. *Delta*, São Paulo, vol. 33, n. 4, out./dez. 2017.